

REPETIÇÃO E REAL EM TEMPOS DE TRANSFERÊNCIA¹

Jacques Laberge²

É uma mina este *Seminário 11* de Lacan, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Não falta assunto para nos ocupar. Ainda bem, já que nos analistas e interessados em psicanálise temos um horror especial em ficarmos desocupados!

O início deste Seminário me deixou intrigado e curioso. Destacou-se o sonho, sonho grito, sonho desespero, sonho demanda não ouvida de amor, demanda articulada a um desejo que uma libido ardente presentifica, efetiva, resto de acusação, resto de crime-castigo, resto sobre o reconhecimento de filiação na crueldade lógica do complô das fantasias edípicas em que um filho paga pela morte real anteriormente à morte real do pai. Pai, não vês que estou queimando?

Este Seminário, talvez o mais decisivo deles, surge após a ruptura com a IPA e transcorre num período de vazio institucional. Lacan teve que suspender seu Seminário sobre os Nomes do Pai e esperar para iniciar este. Resto do Seminário frustrado sobre os Nomes do Pai, o sonho se revela como o representante de toda uma elaboração cortada, significante determinante. Em algumas ocasiões, Lacan lembrou que em suas lições semanais se situava como analisante. Lemos em *L'insu*, a 14-12-76: sou o histérico perfeito, isto é sem sintomas, com a exceção que, de vez em quando, erro de gênero, referindo-se à troca do feminino pelo masculino na frase a senhorita é reduzido, o que nos remete à homossexualização do desejo na histeria. Sabemos também que o analisante histericiza seu discurso, embora use também o discurso do mestre ou do universitário/obsessivo. Na passagem de um discurso ao outro, atravessa o discurso do analista, questionamento pelo desejo do analista apontando para a hiância da falta. Neste contexto, poderíamos pensar no sonho Pai, não vês que estou queimando? Como sonho de Lacan, como um apelo angustiante de Lacan a Freud. Tempo decisivo da

¹ Novembro de 2000

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

transferência, em que um sonho narrado por Freud se torna um sonho de Lacan, novo significante que, em seu ensino, representa uma reorientação na continuidade.

Nos vários termos, "Verbrenne" em alemão, "brûler" em francês, "arder" em espanhol, "queimar" em português, e equivalentes em outras línguas, encontramos frequentemente o particípio passado, o adjetivo, "brûlé", "queimado", como equivalente de desacreditado, acabado. E enquanto presente do indicativo ou particípio presente, "je brûle", "estou queimando", remete ao ardor da libido, mas também ao momento privilegiado de estar no ponto de descobrir algo, de desvendar algum mistério, de solucionar um problema, algo popularizado pelas adivinhações e pelos jogos de esconde-esconde. Lacan acaba de ser "queimado" pelos colegas da IPA: como pode ele reivindicar sua filiação freudiana? Queimado pela IPA por se afastar de uma certa ortodoxia, queimando em relação a Freud, pois ser fiel não pode ser simplesmente repetir Freud, mas reinventá-lo, ir além, fazer uso do Nome-do-Pai. O Seminário 11 vai permitir aliar à continuidade de sua linha de trabalho o início de uma reorientação: Lacan estará "queimando" especialmente em relação ao real. Não somente inicia um período em que o real ocupará um lugar mais adequado, mas em que esta importância permitirá a Lacan estar no ponto de dar ao real uma definição mais apropriada permitindo formalizações futuras.

Após o instante de ver a ruptura, Lacan precisará da elaboração do tempo de compreender na travessia deste Seminário para, no tempo de concluí-lo, definir como freudiana a Escola que funda.

Simbólico do Automatismo - Real do Desencontro

Pai, não vês? O Pai mesmo não vê, o olho olha sem ver. O mau olhado e o mau encontro perpassam por cegueiras e tropeços imaginários reduzíveis, diferentes do irreduzível real do desencontro. Este sonho entra na ilustração da diferença entre automaton e tuquê, repetição e trauma. Conforme o Além do princípio do prazer, é em referência ao trauma que há repetição, esta situada em relação ao princípio do prazer num pré-tempo, numa posição chamada mais primitiva, mais elementar e mais pulsional (G.W. XIII, 22,32-33). O Além do princípio do prazer corresponde a um aquém em relação ao tempo. A repetição se situa do lado do automaton e o trauma do lado da tuquê. Por outro lado, destacando o trauma como real o que chamamos "o real do

trauma", Lacan, no Seminário I, não negligencia a respeito do Homem dos Lobos nem o imaginário do trauma nem sua relação ao simbólico do mito edípico.

Ele se inspira de Aristóteles para mudar a tradução habitual do *Wiederholungszwang*, compulsão de repetição, por automatismo de repetição, cabendo o termo compulsão à neurose obsessiva "Zwangsneurose". Já a primeira frase do texto de 1955, Seminário sobre a carta roubada define o automatismo de repetição como insistência da cadeia significante (E.11). O fato de Lacan escolher o termo automatismo, automaton, associado ao simbólico imbricado ao imaginário do mesmo, em oposição, em articulação ao tuquê do real, indica que a repetição é do campo do significante, do recalcado, embora seja sempre em relação a não inscrição no recalque, do núcleo do trauma, do real. O que se repete nos diz bastante sua relação à tuquê (...) real como encontro (...) fracassado (perdido) (54), lemos no *Seminário 11*. Lacan não afirma: "o que se repete é a tuquê" mas nos diz bastante sua relação à tuquê. A partir de *Encore* de 1972-73, esta insistência vai se chamar, conforme as categorias aristotélicas, o necessário, que não cessa de se escrever, frente ao impossível do real, que não cessa de não se escrever. O automaton do simbólico está intrincado aos meandros da inflação imaginária do sofrimento do analisante, ele próprio podendo até saborear as expressões neuroses de destino, de fracasso, para se embriagar de sentido. Dos desencontros reduzíveis, do imaginário inflado de sentido que a diferença na repetição vem cortar, sobra um resto irreduzível, o real do desencontro. A repetição na experiência analítica se desdobra em diferença e repetição, pois o que caracteriza o significante é sua diferença com outro significante, esta diferença cortando, reduzindo o mesmo do imaginário. Por outro lado, no diálogo com o analista, a armadilha do analisante consistirá constantemente em querer confundir incapacidade imaginária e impossibilidade do real.

O sonho sobre o pai que não vê o filho queimando servirá para dar um certo prumo à expressão o real, o que volta sempre ao mesmo lugar. Até então, esta expressão ficava de certo modo confusa em sua associação aos astros, esses que constituem a paixão dos psicóticos schreberianos. Mas o real "que volta sempre ao mesmo lugar" já anunciava algo outro do que o delírio. É o *Seminário 11* que define o real como desencontro, real que volta, embora o termo "escapar" fosse mais adequado do que o de voltar. Este real do desencontro, dali também a relevância do sonho "pai, não vês que estou queimando?", desemboca na afirmação: "o mau encontro central está no nível do sexual" (62). E mais adiante aparecerá o real como impossível. Assim o real do

desencontro pai-filho leva Lacan a estar queimando, isto é, muito próximo de formular a expressão que surgirá depois do Seminário *11*: o real como impossível do rapport sexual. Podemos entender a razão por que, na sessão de 29 de janeiro de 64, será a última vez, e isso é significativo, a última vez, em que Lacan vai insistir em algo muito repetido até então, a dificuldade que representa a noção de real. Depois do *Seminário 11*, não precisará mais adjetivar de difícil a noção de real.

Como sua tríade simbólico-imaginário-real atravessa todo seu ensino, seja de 1953 até o fim, destaca-se a continuidade no ensino de Lacan. Mas não podemos negar também reorientações de caminho, embora não sejam tão radicais quanto os novos rumos da segunda tópica em relação à primeira em Freud. A partir de 1953 até o *Seminário 11*, predomina a articulação da dupla simbólico-imaginário, sob o domínio do simbólico, tendo como resto um real, ora real mesmo, ora real confundido com realidade. Mas apesar desta confusão inicial, o real mesmo, "o que escapa", já se encontra na primeira referência à tríade, no texto O simbólico, o imaginário e o real de 1953 e vai ser referido nos primeiros anos do Seminário a respeito das doenças psicossomáticas, do *acting-out*, da passagem ao ato, dos fenômenos psicóticos, como algo da ordem da forclusão. Há recalque ou forclusão. E quando há recalque, há elementos fugindo a este recalque. Aliás, precisamos observar que sendo o recalque da ordem do simbólico, seria mais adequado dizer "o real do não recalque", do que "o real do recalque".

Até 1963 predomina a articulação simbólico-imaginário, o real sendo um resto. Após a ruptura da IPA, o *Seminário 11*, dali sua relevância como eixo-passagem, se destaca a articulação simbólico-real abrindo para o imaginário como intermediário. A partir do *Seminário Encore* de 1972-73, haverá um novo reordenamento com a insistência sobre a escrita, escrita dos nós, em que se articulam os três registros. Não se trata mais da dupla primeira simbólico-imaginário com o real como resto destacada de 1953 até 1964, nem da dupla segunda simbólico-real abrindo para intermediação do imaginário de 1964-1972, mas do enodamento dos três registros, sublinhando-se a equivalência deles. Esta equivalência culmina em *R.S.I*, isto é no real da letra, sem sentido da letra, para, em conjunto com o Seminário seguinte Le Sinthome encaminhar-se, graças ao quarto nó Nome-do-Pai, da equivalência para a diferença dos registros. Esta diferença se articula nas três duplas simbólico-real do sintoma, simbólico-imaginário da inibição, imaginário-real da angústia, nas três duplas simbólico-real do

gozo fálico, simbólico-imaginário do sentido, imaginário-real do gozo do Outro. A escrita como aperfeiçoamento do significante traduz termos aristotélicos: cessa de se escrever (é possível que o sintoma deixe de se escrever, podemos ser menos neuróticos), cessa de não se escrever (é contingente a inscrição do falo, é contingente escapar à psicose), não cessa de se escrever (a repetição é necessária ao sintoma, pois "uma vez neurótico, para sempre neurótico!"), não cessa de não se escrever (real como impossível do rapport sexual). Trata-se da escrita do falo, que obstaculiza a escrita do rapport sexual, o recalque da significação fálica impedindo o recalque do rapport sexual. Este obstáculo-impedimento mereceria o nome de trauma estrutural.

Em relação ao esquema da metáfora paterna que ilustra a passagem debaixo da barra do recalque do desejo materno e, em consequência, também da significação fálica, o sonho Pai, não vê que estou queimando, resto do Seminário interrompido sobre os Nomes do Pai, por ser expressão da ruptura e por apontar para o real do desencontro e remeter ao impossível do rapport sexual, marca um passo à frente na passagem da dupla simbólico-imaginário com o real como resto para a dupla simbólico-real abrindo ao imaginário como intermediação.

Do Real da Pulsão?!!

Na excomunhão de Lacan em fins de 63, destaca-se uma crítica: por negligenciar a pulsão, seu ensino não passaria de uma "intelectualização". Embora Lacan redirija esta acusação à "psicologia do ego", esta crítica não deixou de ter seu peso, pois neste *Seminário 11*, ele vai trabalhar detalhadamente o texto de Freud As pulsões e suas vicissitudes. Freud teorizou sobre a pulsão, apelando, de certo modo, para uma teoria do desejo. E Lacan, após ter dado nos primeiros Seminários uma primazia ao inconsciente, ao simbólico, ao significante, constrói sistematicamente sua teoria sobre o desejo: no *Seminário V*, desejo, mola das formações do inconsciente, original em relação à demanda; no *Seminário VI*, desejo e fantasma a respeito da Interpretação; no *Seminário VII* sobre A Ética da psicanálise, desejo e lei, desejo de morte; no *Seminário VIII* sobre a transferência, amor e desejo. A "questão do desejo do analista" aparece em A direção do tratamento de 1958 como efeito do *Seminário V*. Além de ser desconhecido como todo desejo, o desejo do analista no texto de Lacan é sempre acompanhado da palavra "questão" ou colocado como pergunta: Pareço dizer a mesma coisa no meu ensino

nestes últimos anos (...) qual o desejo do analista? (14), eis uma frase que encontramos no Seminário 11. Agora, Lacan pode articular a teoria da pulsão em Freud com sua teoria do desejo, um dos aspectos que dão singular relevo a este Seminário.

A articulação simbólico-real passa pela pulsão. A novação à qual fiz alusão e que se chama invocação do campo e da função da fala e da linguagem na experiência analítica não pretende ser no conflito uma posição que exaure (117). É paradoxal Lacan chamar de "alusão" a referência ao texto fundamental de 1953 que destaca a função estruturadora do simbólico e lhe confere uma primazia. De fato, esta frase indica uma certa correção de rumos. Impõe-se uma melhor articulação com o real, limitando o simbólico. Posteriormente, em seu Seminário "Les non-dupes errent", ele comenta que erramos em atribuir ao simbólico uma importância esmagadora em relação a um imaginário no qual comecei atirando por causa do narcisismo (13-11-73). De fato, se erramos é que seguimos o exemplo de Lacan e continuamos atirando no imaginário associado a "ilusório" e "paranoico". O imaginário assumiu tal predominância com Anna Freud e os psicólogos do ego e, embora diferentemente, também com a psicanalista Melanie Klein, que a predominância do simbólico como reação a um predomínio imaginário seria a consequência lógica do ensino de Lacan.

De fato, a dupla simbólico-imaginário, como aparece na primeira parte do ensino de Lacan, sublinha uma primazia do simbólico pela sua função estruturadora. Também, ao longo de todo seu ensino, Lacan usa normalmente, e mesmo no Seminário RSI, a sequência "o simbólico, o imaginário e o real", que é chamada de sequência correta no Seminário Le Sinthome. A própria experiência analítica ilustra como o simbólico, o surgimento de novos significantes, reestrutura o imaginário. A partir do Seminário 11, o acento dado à dupla simbólico-real vai apelar para a necessidade da intermediação do imaginário, o que permitirá uma avaliação mais adequada da importância do imaginário.

O estudo de Lacan sobre As pulsões e suas vicissitudes, vai servir de ilustração da articulação simbólico-real. O real da pulsão não é o biológico da pulsão, porque uma função biológica (...) tem sempre um ritmo, dia-noite, primavera-outono, enquanto a pulsão tem uma pressão constante (150). Constância individualizada, variável. Isto é, as pessoas têm mais ou menos boca grande (156). O real como impossível aparece ali enquanto nenhum objeto de nenhum precisar (*not*) pode satisfazer a pulsão (152-153). Nenhum alimento satisfará nunca a pulsão oral, senão contornando o objeto eternamente faltante (164). Podemos colocar em relevo aqui o real da satisfação impossível. Real

apontado também na dessexualização ilustrada pelo nojo da histérica, sintomas podendo aparecer em outras zonas erógenas do que nos orifícios do corpo, fonte da pulsão.

Lacan desenha a pulsão em seu movimento circular de ida e volta, aludindo sugestivamente neste *Seminário 11* a uma citação de Heráclito: Ao arco, é dado o nome de vida – Bios, e sua obra é a morte. O grafo do desejo herda o legado de uma história muito antiga.

Lacan destaca o simbólico da pulsão quando a descreve como "montagem" e quando sublinha o recurso de Freud à língua e aos sistemas linguísticos nas vias ativa, passiva e refletida no movimento de ida e volta da pulsão. E associa a pulsão aos desfiladeiros da demanda.

O imaginário da pulsão estaria, sobretudo, presente nas chamadas *Ichtriebe* que, diz Lacan, não são verdadeiras pulsões (164). Agora, ocorre o questionamento do amor, campo da reciprocidade, pela pulsão, campo da heterogeneidade, questionamento até agora reservado ao desejo que a expressão "desejo do analista" representa: distinção radical que há entre amar-se através do outro - o que não deixa no campo narcísico do objeto nenhuma transcendência ao objeto incluído - e a circularidade onde a heterogeneidade da ida e volta mostra em seu intervalo uma hiância (177). Lacan diferencia duas faltas, a primeira, ligação de "ser sujeito ao sexo" à morte individual, lembrando que a pulsão parcial é fundamentalmente pulsão de morte e a segunda, o fato que o sujeito depende do significante e que o significante está em primeiro lugar no campo do Outro (186-187). E Lacan articula pulsão e desejo: O objeto do desejo, é a causa do desejo, e este objeto do desejo é o objeto da pulsão, isto é, o objeto em redor de que gira a pulsão (...) o desejo dá a volta enquanto agido na pulsão. (...) Mas cada vez que temos a ver com um objeto de bem, o designamos (...) o objeto de amor (220).

Constitui uma contribuição decisiva deste Seminário o intrincamento da pulsão ao desejo enquanto questionamento ao amor, questionamento, é claro, ao amor de transferência.

Tempos de Transferência

Para o Congresso de CONVERGENCIA de fevereiro de 2001 em Paris, o cartel "tempo e inconsciente", do qual participo com Alain Didier-Weill, Alba Flesler, Isidoro

Vegh, Nora Markmann, Paola Mieli e Ricardo Saiegh, levanta questões que vão balizar agora meus comentários.

Se Parmênides negava o tempo que Heráclito reconhecia, Newton e Einstein consideravam a dimensão do tempo inexistente fora do espírito humano. Em seus livros *La fin des certitudes et Les lois du chaos*, Prigogine, prêmio Nobel de química em 1977 e também físico e filósofo, introduziu a dimensão do tempo em física. Ele sustenta que o tempo precede a existência e que se o universo teve um início, o tempo não teve. A questão do tempo está revolucionando a ciência.

Em psicanálise, os paradoxos, meio incontornável de nossos debates, parecem se exacerbar a respeito do tempo. Freud falava da atemporalidade do inconsciente, e Lacan, da sincronia determinante do desejo em relação à diacronia, cronologia da história de um sujeito. Esta atemporalidade freudiana se confronta com os relatos sobre as primeiras históricas permeados de perguntas sobre o tempo, tempo do surgimento do sintoma. Hoje frente à queixa formulada por analisantes, perguntamos: "quando é exatamente (o *genau* muito repetido por Freud), que começou a gague, a gague, a gague-jar jar?" ou "quando é que ficou com este tique do olho?" Interrogação sempre válida. Constantemente, curtos-circuitos inconscientes rearticulam significantes: tal fato narrado remete a tal outro; tal conversa sobre um encontro em tal data recorda um anterior; algo inesperado surge, por exemplo, ao fim de três anos de análise, evocando algo dos três anos de idade. É o "nachträglich" destacado por Paola Mieli a respeito do traumatismo cuja verdade histórica se vê constantemente interpretada e reinterpretada, questionada pelo fantasma. Embora a primazia da morte no psiquismo do obsessivo dispense a morte real do pai na infância, esta morte real ocorrendo deixa suas marcas no fantasma de um sujeito. Alba Flesler usa a frase sugestiva: "o sujeito não tem idade, mas tem tempos". A cada três anos, um sujeito provoca uma ruptura dolorosa, repetindo, por exemplo, a morte do pai. Podemos nos perguntar até que ponto "três anos" pretende dar a idade do sujeito, evocando uma "conversão de tempo" pela repetição quando um tempo sucessivo se tornaria um tempo circular.

É difícil evitar a noção do tempo quando nos referimos aos termos "processo primário e processo secundário, princípio de prazer, princípio de realidade". E Freud usa o termo "pré-tempo" (*Vorzeit*) e mais primitivo (*ursprünglicher*), quando qualifica o "além do princípio do prazer" da repetição em relação ao princípio de prazer. E quanto à pulsão, Lacan lembra que, para Freud, não há dia e noite, primavera-outono na pressão

(*Drang*), e que, a respeito da fonte (*Quelle*), bordas dos orifícios do corpo, não existe esta relação de engendrar de uma das pulsões sexuais para outra (164), mas que a finalidade (*Ziel*) da pulsão aponta para o tempo, pois a pulsão está representando, e parcialmente, a curva da realização da sexualidade no vivente (... e) seu último termo é a morte (161-162). Há três tempos, neste movimento circular da pulsão, de ida e volta, pois aparece um novo sujeito (...) que é propriamente o outro (...) enquanto a pulsão pode fechar seu curso circular (162).

A respeito do tempo em Lacan, destaca-se o tempo lógico "instante de ver, tempo de compreender, momento de concluir" que Isidoro Vegh chama "densidade de tempo" modificada pela "dimensão subjetiva".

Mas o tempo está presente numa tese mais fundamental de Lacan, repetida de mil e uma formas. Por exemplo, neste Seminário 11, ele afirma: a relação do sujeito ao significante é o ponto de retificação geral da teoria analítica, pois é primeiro e constituinte tanto na instauração da experiência analítica quanto primeiro e constituinte na função geral do inconsciente. Lacan fala de S barrado, o sujeito, enquanto constituído como segundo em relação ao significante (127, 129). O sujeito é este surgimento que, imediatamente antes, como sujeito, não era nada, mas que, logo que aparece, se fixa em significante (181). Encontramos também o antes e o depois a respeito do vel da primeira operação essencial onde se funda o sujeito (...) a alienação (191) e de segunda operação (...) que vamos ver apontar o campo da transferência (..) a separação. Antes e depois, primeiro e segundo que repete o primário e secundário de Freud, a questão do tempo insiste na relação significante-sujeito e alienação-separação.

Relembro pontos indicados na primeira parte deste trabalho: do começo ao fim de seu ensino, e mesmo no texto do *Seminário R.S.I.*, Lacan usa a sequência "o simbólico, o imaginário e o real". É a sequência "correta", "*dans le bon ordre*", como Lacan especifica em *Le Sinthome*. O "partir do simbólico" dos primeiros seminários se reencontra em *R.S.I.* "é do equívoco fundamental a algo de que se trata sob o nome de Simbólico que sempre vocês operam" (10-12-74). Afinal, ao simbólico é atribuída uma função estruturadora, determinante, a qual função não desaparece com a equivalência dos registros. Alias, o surgimento do quarto nó Nome-do-Pai marca a passagem da equivalência à diferença dos registros e sua articulação em duplas, simbólico-imaginário, simbólico-real, real-imaginário.

Esta posição da "anterioridade lógica do simbólico" esbarra no chamado "real primordial" do caos primordial do qual a criancinha se vê arrancada pela música da voz da mãe, conforme a posição de Alain Didier-Weill em seu livro *Les trois temps de la loi*. Penso que se trataria aqui do pré-subjetivo da criancinha que, entretanto, nasce em um mundo já estruturado pela linguagem e pela lei da proibição do incesto que se situam em uma "anterioridade lógica do simbólico". Isso a respeito do pré-subjetivo. Quanto ao subjetivo, sem anterioridade do significante, nada de sujeito existe.

Lacan comenta também sobre a pulsação temporal a respeito do fechamento do inconsciente e afirma que a transferência é essencialmente resistente, *Übertragungswiderstand*. A transferência é o meio por onde se interrompe a comunicação do inconsciente, por onde o inconsciente se fecha. Paradoxalmente o analista deve esperar a transferência para começar a dar a interpretação (119). A espera indica quanto incontornável é o tempo no manejo adequado da transferência.

Em *Função e campo da fala e da linguagem* (E. 268), Lacan constata que a experiência analítica se reduz cada vez mais ao diálogo entre analisante e analista. Esta redução que, devemos admitir, exige tempo, tempo de elaboração, acaba se confrontando com uma outra posição de Lacan que polemizamos aqui: análise "na" transferência, sim ; análise "da" transferência, não. A crítica à análise "da" transferência é provocada por certas abordagens persecutórias: sobre qualquer assunto ou personagem que o analisante menciona, o analista aponta para si-próprio. "Ontem, encontrei um idiota !", diz o analisante. "Sou eu", se apressa em dizer o analista ! O analista pode muito bem ocupar o lugar do idiota, mas não é necessariamente seu privilégio ! Em certos momentos, não é possível escapar à análise "da" transferência. Recordo ter indicado a certo analista em supervisão a necessidade da explicitação da transferência de seus analisantes. Ele duvidava desta orientação, insistindo na ideia que Lacan se opõe à análise "da" transferência. Efetivamente, deve-se evitar a artimanha persecutória que reduz todas as referências do analisante ao analista. Mas a análise "da" transferência se revela importante após um certo tempo da experiência e indispensável em momentos de impasse. Pois quando o discurso do analisante insiste nos impasses do tipo lista telefônica: sou o João incapaz, João fracassado, João desgraçado, João sem jeito, João péssimo filho, João pior pai, João insuportável marido, João zero à esquerda e zero-zero à direita, lista coroada da conclusão "essa análise é um fracasso" o que remeteria, segundo Freud, à necessidade de punição, esta repetição deve ser articulada aos

significantes em jogo implicando diretamente o analista. Pois não deixa de ser acusação a ele, esta perpetuação da inflação imaginária do mesmo da queixa repetida, travando o surgimento de novos significantes ou neutralizando sua eficácia. Não haveria propriamente análise da transferência sem prévia análise na transferência, mas as duas acabam se imbricando justamente na medida da redução da experiência ao diálogo analisante-analista. Nora Markmann fala de tempo de construção seguido de tempo de interpretação. É um modo de nos perguntar até que ponto uma interpretação tem efeito sem algum tipo de construção prévia. Se incluirmos a construção na interpretação, poderíamos pensar em três tempos: primeiro tempo, esperar a transferência para interpretar; segundo tempo, interpretar na transferência; terceiro tempo, interpretar a transferência. Nova versão de instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.

As repetições das queixas gozosas não deixam de evocar os porquês das crianças. No intervalo cortando os significantes, o enigma do desejo do adulto ao qual a criança, por trás de seus inúmeros porquês, tenta dar um nome: o primeiro objeto que propõe a este desejo parental cujo objeto é desconhecido, é sua própria perda - Quer ele me perder ? O fantasma de sua morte, de seu desaparecimento é o primeiro objeto que o sujeito tem que colocar nesta dialética. A anorexia nervosa seria uma ilustração deste desejo de morte (194-195). O pai, às vezes, totalmente exausto após implacável interrogatório, reage aos últimos porquês do filho:

- Por que a toalha está branca?
- Porque não está vermelha.
- Por que está olhando para mim?
- Porque não estou olhando para o teto. E faça o favor de deixar de perguntar.
- Deixar de perguntar? Por quê?

Nas neuroses muito graves, como podemos supor nas análises dos analistas, pois sem neurose grave é difícil chegar a ser analista, já que o analista é um efeito de uma análise intensiva, demorada, (e ali reaparece a questão do tempo da análise terminável-interminável?), nas neuroses graves, em dado momento se esbarra no "sou incapaz, ponto final", a incapacidade assumindo semblante de impossível para confundir o analista, o que, muitas vezes ocorre quando o analista se inclina em considerar real algo

da ordem da inflação imaginária do sentido do sofrimento. Ouvindo o "sou incapaz, ponto final", é claro que o analista deve colocar ali um ponto vírgula, ou pontos de suspensão ou completar a frase "incapaz de...". Poderia encaminhar a questão para um histórico grave a respeito da "incapacidade ou impossibilidade de tornar-se mulher". Mas já que o desejo de morte seria, na repetição de seus porquês, o desejo atribuído pela criança aos pais para o enigma do desejo do Outro, caberia a associação da repetição queixosa, acusatória do analisante ao desejo de morte atribuído ao analista. A ida e volta da pulsão em seu tempo circular, deixa um resto metonímico, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo (141). Precisa-se de tempo para a análise na transferência possibilitar uma análise da transferência que escapa ao enfoque persecutório, mas não escapa àquela questão angustiante do analisante: "será que você, meu analista, deseja minha morte?".

A análise parou? Virou um pesadelo? Pesadelo, este tempo sem transcurso conforme os comentários de Ricardo Saiegh. Prolifera a diversificação nas perturbações do tempo: tempo eterno na psicose, tempo protelado na neurose obsessiva e antecipado na histeria, tempo retido na fobia, tempo suspenso na inibição. Justamente, a respeito dos impasses nas análises de neuróticos graves em que a repetição de queixas sucede uma nova repetição das mesmas queixas, nos momentos de impasses correspondendo a uma parada no tempo, a um pesadelo, à análise desejada como fracasso, até que ponto nesta repetição dos porquês da criança revivida na análise, no "por que estou sofrendo tanto?" o analisante não estaria esbarrando no entrecruzamento dos desejos dos tempos da infância, a saber na questão que o analisante se coloca sobre o desejo de morte da parte do analista atravessando o desejo de morte do analisante sobre o analista.

Para se chegar a colocar esta pergunta, o analisante precisa de tempo, de tempos de elaborações.

NOTAS:

- Os números entre parênteses indicam as páginas de Lacan, J., *Le Séminaire*, livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, (1964), Paris, Seuil, 1973.
- G.W. XIII, 22,32-33 remete à: Freud, S., *Jenseits des Lustsprinzip* (1920), Frankfurt am Main, Fisher Verlag, 1940.

- São citados Seminários inéditos de Lacan:
 - XXI, Les non-dupes errent (1973-74);
 - XXII, R.S.I.(1974-75) ;
 - XXIII, Le Sinthome (1975-76) ;
 - XIV, L'insu (1976-77).
- Refiro-me também à produção dos colegas do cartel:
Alain Didier-Weill, Les trois temps de la loi, Paris, Seuil, 1995;
Alba Flesler, Fin de análisis en los tiempos de la infancia, (Reunión lacanoamericana de psicoanálisis, Bahia, agosto de 1997);
Isidoro Vegh, Tiempo y inconciente; Reunión del cartel Tiempo y inconciente (Júlio de 2000); e um texto sobre "Borges"; Paola Mieli, Les temps du traumatisme, (Mai 2000);Ricardo Saiegh, Pesadillas atemperadas por soñar (agosto 2000).